

CDD 574.524811
'616.9883811
CDU 576.8:616 (213) (81 1936/1986''

MINISTÉRIO DA SAÚDE
FUNDAÇÃO SERVIÇOS DE SAÚDE PÚBLICA

INSTITUTO EVANDRO CHAGAS

50 ANOS DE CONTRIBUIÇÃO ÀS CIÊNCIAS
BIOLÓGICAS E À MEDICINA TROPICAL

VOLUME 1

BELÉM
1986

Capa: Benedicto Mello

INSTITUTO EVANDRO CHAGAS; 50 anos de contribuição às ciências biológicas e à medicina tropical. Belém, Fundação Serviços de Saúde Pública, 1986.

2 v

1. Parasitologia. Virologia 3. Bacteriologia 4. Micologia. 5. Entomologia 6. Epidemiologia 7. Imunologia 8. Biotérios. Instituto Evandro Chagas.

CDD 574.524811

616.9883811

CDU 576.8:616 (213) (811) "1936/1986"

HISTÓRICO DO INSTITUTO EVANDRO CHAGAS Período 1936-1949

Leônidas M. Deane

Em 1934, o mundo médico brasileiro foi surpreendido com um artigo de Henrique Penna, revelando ter achado 41 casos de leishmaniose visceral, ao examinar cortes de fragmentos de fígado obtidos por viscerotomia para pesquisa de lesões de febre amarela, em numerosas localidades do interior do país. Nas Américas já fora diagnosticado um caso de calazar no Paraguai (Migone, 1913) em morador de Mato Grosso, mas tratando-se de um italiano não foi possível, na ocasião, considerá-lo autóctone do Brasil; posteriormente dois casos autóctones foram detectados na Argentina (Mazza & Comejo, 1926) mas pouca atenção chamaram. O elevado número de casos diagnosticados por Penna e o fato de serem de zonas rurais e incluindo muitas crianças, sugeriam sua autoctonia. Como era nulo o conhecimento da sintomatologia e da epidemiologia do calazar em nosso continente, Carlos Chagas, então diretor do Instituto Oswaldo Cruz, em Manguinhos, no Rio de Janeiro, incumbiu seu filho, Evandro, de estudar a doença em áreas de procedência dos casos revelados por Penna. Pouco depois falecia Carlos Chagas e só em fevereiro de 1936 pôde Evandro viajar para o Nordeste. Munido das fichas dos casos de calazar diagnosticados post-mortem, logo em março achou em Sergipe o primeiro paciente brasileiro diagnosticado em vida, aliás na mesma casa onde a viscerotomia fizera dois diagnósticos. Evandro fez detalhado estudo clínico desse paciente (E. Chagas, 1936), verificando a semelhança da doença com o calazar mediterrâneo.

Em junho do mesmo ano, Henrique Aragão, que assumira a direção do Instituto Oswaldo Cruz, criou a Comissão Encarregada de Estudos de Leishmaniose Visceral Americana, chefiada por Evandro Chagas e da qual faziam parte Aristides Marques da Cunha, Gustavo de Oliveira Castro e Leoberto de Castro Ferreira, aos quais se incorporou depois o argentino Cecílio Romaña. Evandro voltou ao Nordeste, visitando focos de calazar em Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Ceará e Piauí, com a intenção de estabelecer um laboratório regional para estudar a transmissão da leishmaniose visceral. Não tendo conseguido ajuda dos governos locais, estendeu sua viagem até o Pará, onde a viscerotomia detectara alguns casos. Em Belém, o acaso fê-lo conhecer pessoa de influência junto ao governador do Pará, Dr. José Carneiro da Gama Malcher, a quem convenceu da importância de seu projeto e de quem conseguiu suficiente apoio materializado com a fundação, em 11 de novembro de 1936, de um Instituto de Patologia Experimental do Norte, o IPEN, com a finalidade de estudar não somente o calazar, mas também outras endemias regionais, co-

mo a malária, a leishmaniose tegumentar, a bouba, a filariose e as verminoses intestinais. O IPEN teve como primeiro Diretor o Prof. Antonio Acatauassú Nunes Filho, catedrático de Microbiologia da Faculdade de Medicina do Pará, mais tarde substituído pelo Prof. Antonino Emiliano de Souza Castro, catedrático de Doenças Tropicais. O Prof. Jayme Aben-Athar, catedrático de Histologia e Anatomia Patológica da mesma faculdade e que na juventude frequentara Manguinhos, foi nomeado Vice-Diretor e Evandro Chagas o Diretor Científico. Os assistentes do Instituto foram, inicialmente, Leonidas e Gladstone Deane e Felipe Nery-Guimarães, médicos recém-formados na Faculdade do Pará, o farmacêutico-químico Benedito de Abreu Sá e um entomologista amador, adolescente, Reinaldo Damasceno. A essa e equipe local vieram juntarse pouco depois, como membros do já citado grupo do Instituto Oswaldo Cruz, outros jovens médicos recém-formados no Rio de Janeiro, Octavio Mangabeira Filho, entomólogo por vocação e Madureira Pará, patólogo e o veterinário Geth Jansen, além de uma estudante da Faculdade de Medicina do Pará, Maria José von Paumgarten (depois Maria Paumgarten Deane). Evandro tinha então 32 anos e quase todos os membros de sua equipe tinham menos de 20 até 26 anos.

Antes de contar como foram as atividades iniciais do IPEN, quero ressaltar quão importante foi, para o futuro do Instituto, o ter sido criado e no princípio orientado por Evandro Chagas. Evandro era uma pessoa invulgar. Inteligência privilegiada e notável capacidade de exposição e argumentação em vários idiomas, tinha também grande resistência física e um evidente dom de liderança. Comunicou ao grupo de jovens de sua equipe a mística do pioneirismo e o desejo de participar do trabalho detetivesco de elucidar a transmissão das doenças de nossas populações rurais. Abria-se para nós um novo mundo, o das pesquisas de campo. Um mundo duro mas fascinante por seu sabor de aventura e que nos empolgou de tal maneira que se tornou o ambiente da maioria das investigações de vários de nós pelo resto da vida. Essa mística se transmitiu às posteriores gerações de pesquisadores e muito influuiu para que o Instituto tenha podido trazer uma contribuição tão importante para o conhecimento da nosologia da Amazônia. Na fase inicial dos trabalhos, a presença de Leoberto de Castro Ferreira foi muito proveitosa, pelos seus sólidos conhecimentos de Microbiologia e Parasitologia e sua capacidade de organizar.

Em seus dois primeiros anos o IPEN se dedicou ao estudo da leishmaniose visceral, no qual, aliás, foi pioneiro no Continente Americano. Tais estudos, cujos resultados principais foram publicados em dois volumosos relatórios⁴ (Chagas, Cunha, Castro, Ferreira & Romaña, 1937), revelaram que a doença incide em zonas rurais de terra firme e não nas várzeas; além de alguns doentes humanos foi verificado que também cães domésticos encontram-se pa-

rasitados, assinalando-se ainda a infecção em um gato — o único, até agora, no Continente; a *Lutzomyia longipalpis* foi incriminada como provável vetor, por ser quase o único flebótomo encontrado nas casas e alimentando-se em pessoas e cães, embora abundante em galinheiros, sendo de notar que passados quase cinquenta anos essa espécie de flebótomo permanece a única a ser considerada a transmissora em toda a Região Neotropical. Nessa época obteve-se a infecção experimental de *L. longipalpis* num cão parasitado¹¹ e se constatou a presença de leishmânias na pele e no sangue circulante de cães e de indivíduos humanos⁴. Chamou-se a atenção para a presença de leishmanias com aspecto normal e em multiplicação no interior de monócitos da medula óssea, enquanto que os parasitos encontrados em neutrófilos e eosinófilos apresentavam sinais de degeneração⁶, fato cuja significação somente muito mais tarde seria entendida. Na ocasião foram encontradas pela primeira vez, no Novo Mundo, larvas de flebótomos na natureza¹². Como Evandro Chagas acreditava que o calazar neotropical é autóctone e causado por um agente diferente do de outras regiões zoogeográficas, a *Leishmania chagasi*, julgava necessária a existência de um animal silvestre funcionando como reservatório. Daí o fazer-se a pesquisa sistemática de leishmânias nas vísceras, sangue e pele de numerosos animais silvestres, principalmente mamíferos; não se encontrou na ocasião o reservatório, mas esse tipo de exame permitiu assinalar numerosos parasitos de animais: três novas espécies de *Trypanosoma*, sendo uma em pacas (*T. coutinhoi*), uma em ratos-saiás (*T. renjifoii*) e outra em preguiças-reais (*T. mesnilbrimonti*), nestas últimas tendo sido não apenas reencontrado o *Endotrypanum schaudinni* no sangue, mas também pela primeira vez achadas, no sangue e nas vísceras, leishmânias aliás morfologicamente semelhantes às humanas. Foi ainda assinalado um piroplasmídeo em gambás e descoberto, pela primeira vez na América do Sul, um hemoproteídeo novo em morcegos. Ainda em morcegos de várias espécies se encontraram tripanosomas dos subgêneros *Schizotrypanum* e *Megatrypanum* e deste último subgênero também em tamanduás (*T. legeri*) e em veados (*T. mazamarum*). Todos esses achados, ocorridos em 1938, só foram divulgados muito mais tarde^{137,136}. Entretanto, outras verificações originais daquela época foram logo divulgadas: novos hospedeiros silvestres do *Trypanosoma cruzi*, a irara¹⁰ e a mucura-xixica¹⁶ e a presença de um ligeídeo, fitófago, *Clerada apicicornis*, colonizando em casas de duas áreas do Pará e com hábitos hematófagos, inclusive se alimentando de sangue humano^{7,8}, suscetível à infecção experimental pelo *T. cruzi*⁸ e capaz de transmiti-lo experimentalmente¹⁷; o achado de um gato infectado com *Leishmania tegumentar*¹⁸, e observações de Jansen¹⁹ sobre o mal de cadeiras na Ilha de Marajó. Foi ainda entre 1938 e 1940 que Mangabeira Filho realizou seus estudos pioneiros sobre a morfologia e a sistemática dos flebótomos da Amazônia, principalmente dos arredores de Belém, onde encontrou, descreveu e ilustrou com seus esplêndidos desenhos, numerosas espé-

cies, inclusive 25 espécies novas 20, 21, 22, 23, 30, 31, 32. Embora não tenham sido assunto de publicações, nesse período foram vistos muitos outros parasitos no sangue ou vísceras de animais: espécies de tripanosomas ainda não designadas em aves (cigana e pavãozinho-do-Pará), hemoprotoos em várias espécies de pássaros, plasmódios em lagartos, coccídeos em tejus, microfilárias em numerosas espécies de mamíferos.

Ainda em 1938 dois membros da equipe, G. Deane e Maria v. Paumgarten, foram mandados por Evandro respectivamente para o Ceará e o Rio de Janeiro, o primeiro para, em Timbaubas, município de Russas, procurar casos de calazar e infecções pelo *T. cruzi* em animais domésticos desse foco de doença de Chagas, bem como para acompanhar a epidemia de malária que aí grassava, causada pelo *Anopheles gambiae*, importado da África; a segunda, para se aperfeiçoar em clínica e em métodos de laboratório, no Instituto Oswaldo Cruz.

A partir de 1939 as atividades do IPEN muito se diversificaram, estendendo-se a outras endemias, além do calazar. Evandro estabeleceu em Timbaubas um consultório-laboratório para o estudo da malária transmitida pelo *A. gambiae* e da biologia deste. Lá passaram a atuar L. e G. Deane, M. Paumgarten e Ruy Pondé.

Em 1940 o IPEN fez um convênio com a Delegacia Federal de Saúde no Pará, iniciando, sob a orientação de Evandro, um extenso inquérito regional de malária, abrangendo localidades do Pará, Amazonas e Acre.

Em 8 de novembro desse mesmo ano de 1940, no auge de sua atividade científica e aos 35 anos de idade, faleceu inopinadamente Evandro Chagas, num desastre de avião causado pelo choque da aeronave de passageiros com um pequeno aeroplano que indevidamente se intrometeu na rota. O impacto que essa perda causou no IPEN foi enorme, não apenas entristecendo, mas também desorientando a equipe que ele formara. Um mês depois, em 9 de dezembro, o IPEN recebeu o atual nome de Instituto Evandro Chagas em homenagem ao seu criador.

Substituiu Evandro na direção do Serviço de Estudo das Grandes Endemias, seu irmão mais jovem, o Professor Carlos Chagas Filho, que indicou o Dr. Bichat Rodrigues para coordenar as atividades do Instituto Evandro Chagas, cargo que exerceu por dois anos. Algumas pesquisas originais foram feitas nesse período. Um estudo sobre a esquizotripanose de morcegos orientada por Emmanuel Dias, de Manguinhos e do qual participou um novo grupo de moços formados no Pará, revelou que a transmissão se fazia por um triatomí-

neo, o *Cavernicola pilosa*, que vive em locais habitados por quirópteros²⁴. Ayroza Galvão, discípulo de Samuel Pessoa na Faculdade de Medicina de São Paulo, passou uma temporada no Instituto, cujos pesquisadores colaboraram em investigações sobre os anofelinos do “complexo *albitarsis*”^{26,27} e participaram de um alentado trabalho mostrando que os únicos transmissores importantes da malária em Belém são o *Anopheles darlingi* e o *A. aquasalis*, cujo comportamento investigaram no campo e no laboratório²⁹. Uma pesquisa sobre o parasitismo pelo *Trypanosoma cruzi* no Pará mostrou a grande frequência da infecção em mamíferos silvestres, em contraste com a aparente inexistência da infecção doméstica, o que ocorre por conta dos hábitos silvestres dos triatomíneos da Região Amazônica³⁴.

Em julho de 1942 foi criado o Serviço Especial de Saúde Pública, SESP, organismo mantido no início conjuntamente pelos governos brasileiro e americano e destinado a proteger a saúde dos milhares de imigrantes trazidos principalmente do Nordeste para a chamada “batalha da borracha”, isto é, a exploração dos seringais como consequência da perda das plantações do Oriente, conquistadas pelos japoneses na II Guerra Mundial; o Instituto Evandro Chagas foi então incorporado ao SESP, como seu laboratório central e órgão de pesquisas. Com verbas adequadas e um grande número de auxiliares de laboratório e de campo vindos do disciplinado Serviço de Malária do Nordeste, que erradicou o *Anopheles gambiae* do Brasil, o Instituto pôde intensificar suas atividades. Numerosas excursões, algumas prolongadas, foram feitas por pesquisadores e auxiliares a muitas áreas da Amazônia, entre 1942 e 1949. Dessas viagens e de uma série de experiências de campo e de laboratório, resultaram informações detalhadas sobre os anofelinos da Amazônia, sua distribuição geográfica, hábitos dos adultos e larvas e sua relação com a malária, mostrando que no litoral o paludismo é transmitido essencialmente pelo *A. aquasalis* e no interior principalmente pelo *A. darlingi*, embora outras espécies pudessem veicular secundariamente a doença^{69,70,81}. Foram publicadas chaves ilustradas para a identificação de ovos, larvas e adultos machos e fêmeas dos anofelinos regionais^{36,48,49,50}. Duas espécies novas de anofelinos — *A. galvãoi* e *A. dunhami* — foram descritas^{35,39}, bem como o macho de outra espécie — *A. squamifemur*⁸². Foi efetuado o primeiro estudo sobre a distribuição vertical de mosquitos na floresta amazônica. (Deane, Damasceno e Arouck, 1953). Inquéritos hemoscópicos em 40 localidades do vale mostraram a distribuição e a prevalência do paludismo⁴⁵ e, poucos anos depois, os dados colhidos sobre a incidência da doença, de cada espécie de plasmódio e sobre os anofelinos regionais permitiram obter-se um quadro adequado sobre o paludismo e sua transmissão⁵⁶. O próprio controle da malária na Amazônia, efetuado pela Divisão de Malária do SESP, foi orientado pelo Instituto Evandro Chagas, não apenas através dos estudos sobre os anofelinos regionais, mas também sobre a

ação de drogas antimaláricas^{73,96} (Mein & Rosado, 1948) e das próprias técnicas de combate e avaliação dos resultados^{60,71,72}, sendo de assinalar que as primeiras dedetizações domiciliares sistemáticas efetuadas no Brasil para a profilaxia do paludismo foram realizadas pelo SESP, na cidade de Breves, no Pará.

Em viagem fluvial de Belém à fronteira do Peru foi feito um extenso inquérito sobre a fauna de flebótomos regionais, sua distribuição e prevalência: revelou a existência de 64 espécies, 21 das quais espécies novas^{37,46,40,41,47,79,80}.

A filariose bancroftiana foi outra endemia cedo investigada pelo Instituto. Um primeiro inquérito, realizado em Belém, pôs em evidência a frequência da infecção e da elefantíase por bairro e elucidou sua transmissão⁴⁴ e um segundo inquérito, ainda em Belém, com metodologia detalhada (Deane & Damasceno, 1952) serviu de modelo a todos os numerosos inquéritos de bancroftose posteriormente realizados no Brasil pelo Ministério da Saúde. Verificou-se, também, em Manaus, a presença da *Mansonella ozzardi*, pela primeira vez diagnosticada no Brasil⁸³; comparou-se, para fins diagnósticos, a frequência das microfíliárias no sangue digital e no sangue venoso colhido em altas horas da noite⁸⁴ e efetuaram-se os estudos pioneiros sobre a possibilidade do uso do hetrazan como medida profilática⁷⁵ e a respeito do controle da transmissão em Belém pela dedetização domiciliária¹⁰⁰, após terem-se estudado detalhadamente os hábitos do mosquito transmissor, o *Culex quinquefasciatus*.⁹⁴

Outros temas foram também abordados nos treze primeiros anos de atuação do Instituto. Foi descoberto o *Trypanosoma conorhini* em barbeiros (*Triatoma rubrofasciata*) e em ratos de Belém⁵⁹, foi assinalada a infecção natural do *Panstrongylus lignarius* pelo *T. cruzi* e verificada a nítida acrodendrofilia desse barbeiro⁸⁵, sendo ainda constatada, pela primeira vez na Amazônia, a infecção de ratos por *Leptospira*⁵⁷ e de pessoas e vacas por brucelas⁵¹. Começaram-se inquéritos sistemáticos sobre parasitoses intestinais^{52,54,78}, e fazendo-se um inventário sobre os helmintos adultos eliminados após tratamento com Hexilresorcinol, verificou-se não apenas a muito maior frequência do *Necator* sobre o *Ancylostoma duodenale*, mas também a presença de infecções humanas por *Ancylostoma braziliensis* e *Ancylostoma caninum*⁹².

Deve-se mencionar que em 1943 o SESP dotou o Instituto de um pequeno mas moderno Hospital, primeiro dirigido pelo Dr. Marcolino Candau, que mais tarde viria a ser o Diretor Geral da Organização Mundial da Saúde por muitos anos — e depois pelo Professor João Alves Meira, que se tornaria

catedrático de Doenças Infecciosas e Parasitárias da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, hospital esse que prestou grande serviço no treinamento dos médicos e auxiliares do SESP.

No decorrer dos anos a que se refere este breve histórico, trabalharam como pesquisadores no Instituto, por períodos variáveis, além de Evandro Chagas: Leoberto de Castro Ferreira, Gladstone, Maria e Leonidas Deane, Felipe Nery Guimarães, Octavio Mangabeira Filho, Madureira Pará, Benedito Sá, Reinaldo Damasceno, Geth Jansen, Wladimir Lobato Paraense, Orlando Rodrigues da Costa, Gervásio de Britto Mello, Ruy Pondé, Bichat Rodrigues, Artur Porto Marques, Álvaro Simões, Francisco Cerqueira, Otavio e Rainero Maroja, Laurenio Teixeira da Costa, Miguel Cordeiro de Azevedo, Dulcimar Macedo, José Bráulio dos Santos e Ottis e Calixta Causey.

Antes de terminar não resisto à tentação de me referir a alguns dos muitos aspectos aventurecos ou pitorescos dos nossos trabalhos de então, no que fui ajudado pelo diário individual que Evandro instituiu para os membros da equipe e que continuo fazendo até hoje.

Nos primeiros anos, as verbas eram curtas, mas sobrava o entusiasmo e diante de nosso fanatismo profissional os desconfortos, riscos e dificuldades eram quase sempre ignorados. Passamos grande parte de um período de dois anos (1937-1938) nas matas de Piratuba, município de Abaetetuba, no Pará, tendo como residência uma palhoça, junto à qual ficavam o “laboratório” e o “refeitório”, sob tendas de lona; trabalhávamos do alvorecer até tarde da noite, à luz de lampiões de querosene, vendo doentes, puncionando esplenomegalias, examinando cães, gatos e animais silvestres, capturando flebótomos e mosquitos, dormindo em redes às vezes armadas entre árvores, ou no chão de barracas, paióis ou trapiches; viajávamos léguas a pé ou em barcos com motor de popa ou canoas, carregando às costas redes, mosquiteiros e parte do rancho e da parafernália necessária ao trabalho; passamos por violentas tempestades nas matas ou nos rios, naufragamos duas vezes e Evandro sofreu um sério acidente quando, viajando sozinho num bote a motor, a explosão deste provocou-lhe queimaduras que o mantiveram por muitos dias no hospital. Quando o Instituto foi incorporado ao SESP, veio a ser melhor aquinhoado em verbas e confortáveis lanchas-laboratório e os aviões comerciais passaram a ser utilizados. De ambos os períodos guardamos muitas reminiscências: as viagens quase quinzenais de Belém a Abetetuba em antigos aviões militares biplanos, monomotores do Correio Aéreo Nacional, com lugares para o piloto e um só passageiro, com asas de lona, às vezes remendadas; uma viagem em pequeno avião do governo do Acre, cujo piloto ainda estava com a perna engessada da sua última queda e outra na qual atravessamos uma hora de floresta entre o

Acre e o Amazonas em pequeno monomotor para o qual, no último momento, fora transferida a bateria do único automóvel, — um táxi — então existente em Rio Branco; as viagens a cavalo ou montados em jumentos, bois ou búfalos; do jacaré que quase pôs a pique a nossa canoa depois de um tiro de espingarda de Evandro, no Rio Urubuputaua; ou da onça diante da qual passamos em fila indiana na Estrada de Ferro Madeira-Mamoré (“A gente passa devagar, faz-deconta que não está vendo; ela está de barriga cheia, não vai atacar. . .” dizia o mateiro que nos servia de guia). Nas margens do Lago Tamucuri, no Pará, os anofelinos eram tão abundantes que forçavam os habitantes a erigir suas casas palafíticas no meio do lago e nos obrigavam a fazer as refeições e os trabalhos de laboratório, mesmo de dia, debaixo de mosquiteiros. Nos charcos e igarapés de Rondônia nossa caça às larvas de anofelinos era perturbada pela proximidade inamistosa dos índios Pacaas-Novas. E a autópsia que tivemos de fazer enfrentando caboclos armados de paus, foices e facões pra impedi-la, eu tremendo de medo, munido de um revólver. . . sem balas. Recebemos repetidas ameaças de morte durante inquéritos epidemiológicos em que tínhamos de colher sangue dos moradores de áreas onde havia corrido o boato de que um de nós era a “besta-fera”, o demônio; certa vez, numa casa do município de Icó, no Ceará, só me permitiram o exame dos moradores depois que mostrei não ser o Demo fazendo, por exigência deles, o sinal da cruz diante de um crucifixo; ficaram tranqüilos porque não explodi exalando um cheiro de enxofre; doutra feita, no interior do município de Iguatu, também no Ceará, obrigaram-me a tirar as botas para mostrar que não tinha pés de cabra. . . São dessa época vários bichos-de-pé e bernes e o alastrim que levei para toda a minha família; e a malária que minha mulher e eu contraímos, ela na Ilha de Marajó, de um *Anopheles darlingi* que capturara ao picá-la e que ela própria verificou estar infectado com esporozoitos; e eu, uma terçã maligna transmitida no Ceará pelo *Anopheles gambiae*, que me deixou três dias inconsciente, quando estávamos isolados no Posto de Pesquisas, por uma enchente no Rio Jaguaribe e que me valeu uma multa de três dias por não ter feito o uso adequado de Atebrina profilática.

Depois desses anos iniciais de atividade do Instituto Evandro Chagas, transferi-me para o Sul, em 1949. Continuei seguindo com muito interesse o que se vem fazendo lá, de 1950 até agora. Sinto-me ligado ao Instituto como se jamais dele me tivesse afastado e muito me alegre com os sucessos que o mesmo vem mantendo nas pesquisas sobre os problemas sanitários de nossa Região Amazônica. É sempre com emoção que me inteiro das notáveis contribuições do Instituto no campo das arboviroses, das leishmanioses e seus vetores, da oncocercose, das diarreias infantis a vírus, das enterobactérias, da síndrome hemorrágica de Altamira, da febre de Lábrea, da doença de Chagas, da toxoplasmose, das leptospiroses, da doença de Jorge Lobo, das hepatites, dos

protozoários de animais das doenças causadas por lepidópteros e, mais recentemente, dos parasitos da malária — toda uma produção extraordinária, principalmente levando-se em conta o pequeno número de pesquisadores e o modesto orçamento.

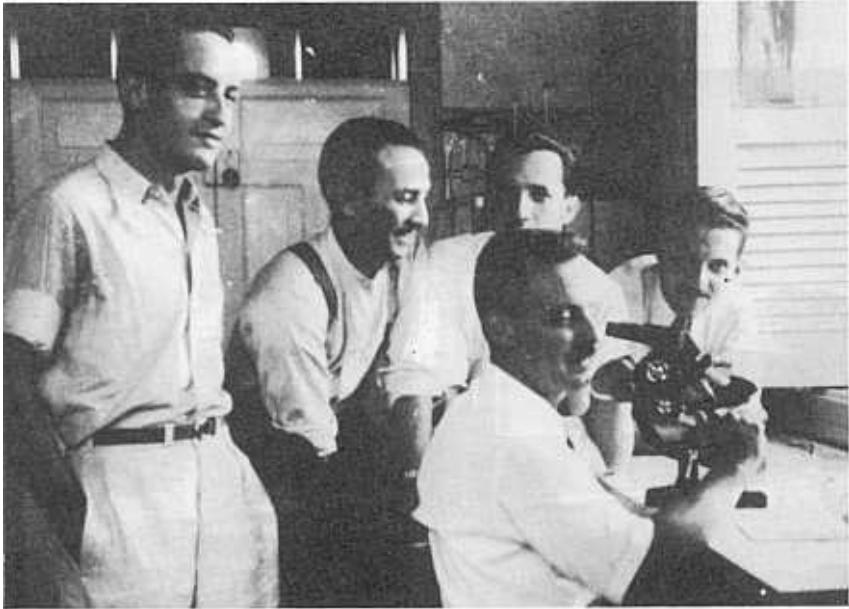
Mas apesar de minha ligação afetiva com o Instituto e com muitos dos colegas que lhe conferem a justa fama de que goza, não me sinto capacitado a expor as descobertas mais salientes nestes últimos 37 anos de atuação. Será tarefa para quem as tiver acompanhado mais de perto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

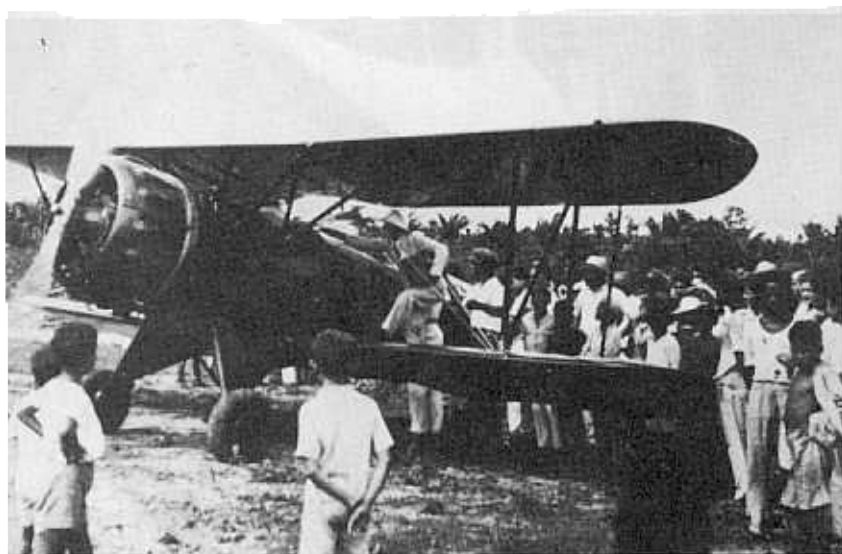
- CHAGAS, E. Primeira verificação em indivíduo vivo, da leishmaniose visceral no Brasil. *Brasil Médico*, Rio de Janeiro, 50: 221-222, 1936.
- CHAGAS, E.; CUNHA, A.M.; CASTRO, G.O.; FERREIRA, L.C. & ROMANNA, C. Leishmaniose visceral americana (nova entidade mórbida do homem na América do Sul). Relatório dos trabalhos realizados pela Comissão Encarregada do Estudo da Leishmaniose Visceral Americana em 1936. *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, Rio de Janeiro, 32: 321-385, 1937.
- DEANE, L.M. & DAMASCENO, R.G. A filariose bancroftiana em Belém, Pará, segundo inquérito realizado em 1951. *Revista Brasileira de Malariologia e Doenças Tropicais*, 4: 333-346. 1952.
- DEANE, L.M.; DAMASCENO, R.G. & AROUCK, R. Distribuição vertical de mosquitos em uma floresta dos arredores de Belém-Pará. *Folia Clinica et Biológica*, São Paulo, 20: 101-110, 1953.
- MAZZA, S. & CORNEJO, A.J. Primeiros casos autoctones de kala-azar infantil comprobados en el Norte de la Republica. *Boletín del Instituto Clínico Quirúrgico*, Buenos Aires, 11: 140-144, 1926.
- MEIN, R. & ROSADO, P.N.S. Experiências com novos medicamentos contra a malária no Programa da Amazônia. *Revista do Serviço Especial de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 1: 1059-1092, 1948.
- MIGONE, L.E. Un caso de kala-azar a Asunción (Paraguay). *Bulletin de la Societé de Pathologie Éxotique*, 6. 118-120, 1913.
- PENNA, H.A. Leishmaniose visceral no Brasil. *Brasil Médico*, Rio de Janeiro, 48: 949-950, 1934.



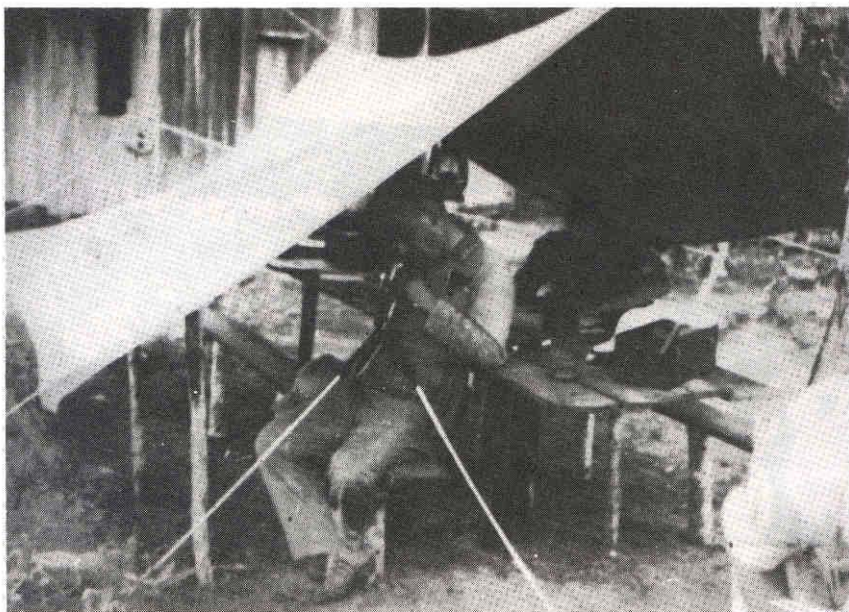
**O prédio sede do Instituto, nos primórdios.
Em primeiro plano, à direita, o serpentário**



Diante da janela do então Instituto de Patologia Experimental do Norte (hoje Evandro Chagas) que dá para o campo do Paissandu, sentado Evandro, ladeado (da esquerda para a direita) pelos então jovens que com ele atuaram: Gladstone Deane, Felipe Nery-Guimarães, Bichat Rodrigues e Leônidas Deane.



Um dos aviões biplanos e monomotores, de asas de lona, do Correio Aéreo Nacional (militar), para o piloto e um só passageiro, que quinzenalmente levava de Belém a Abaetetuba (em 17 minutos de viagem), um a um dos membros da equipe que atuava com Evandro. (No “campo de aviação” feito em Abaetetuba nessa ocasião pelo prefeito e caboclos locais, em 1937). Subindo no aeroplano, Gladstone Deane.



Evandro examinando lâminas de baço de pacientes suspeitos de calazar ao microscópio monocular portátil e de tripé, na barraca de lona que nos servia de refeitório em Piratuba, município de Abaetetuba, em 1937-38.



Eminentes cientistas dos primórdios da instituição, tal como vistos pelo senso artístico-humorístico de Leônidas Deane: Evandro Chagas, o próprio Leônidas, Felipe Nery-Guimarães e Jayme Aben-Athar. Estas são algumas das inúmeras caricaturas que traduzem para os pósteros toda a operosidade e jovialidade da equipe original.